

PRECISAMOS DE UM SEGUNDO TOQUE DA PARTE DE JESUS SOBRE NÓS



“Então chegaram a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego, rogando-lhe que o tocasse. Jesus tomou o cego pela mão, levou-o para fora do povoado e cuspiu-lhe nos olhos. Depois, impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa? E, levantando os olhos, ele disse: Vejo os homens andando, como se fossem árvores. Então Jesus voltou a colocar-lhe as mãos sobre os olhos, e ele olhando firmemente [começou a ver claramente], ficou restabelecido, e já via ao longe e distintamente a todos [pois enxergava todas as coisas com nitidez]. Em seguida, Jesus mandou-o para casa, dizendo: Não entres no povoado.” (Marcos 8.22-26 – Almeida Século 21)

O Evangelho segundo a narrativa de Marcos

apresenta a pessoa do Senhor Jesus Cristo como alguém que está sempre em atividade, e busca sanar as necessidades de quase todas as pessoas ao seu redor. A narrativa bíblica acima serve com um bom exemplo da “urgência” pela intervenção divina que as pessoas apresentavam.

Nos dias atuais, muitas situações que enfrentamos não são muito diferentes daquelas vivenciadas no tempo do Senhor Jesus, ainda que vivamos em outro contexto. Cada um de nós possui – de forma mais ou menos intensa – uma necessidade que precisa ser sanada. E a exemplo do texto bíblico, algumas necessidades estão aquém do limite ou da capacidade humana de resolvê-las.

Na passagem bíblica de Marcos vemos a menção de um homem que apresentava uma grave doença: ele era cego. E essa enfermidade não era possível de ser sanada pela medicina da época, ou por quaisquer outros meios puramente humanos. Mas todos nós sabemos que a impossibilidade serve muitas vezes de matéria prima para as ações de Deus. E ao se encontrar com o Senhor Jesus, aquele homem se torna objeto do milagre divino e tem a visão completamente restaurada, pois passa a enxergar “*todas as coisas com nitidez*” (v. 25).

Não diferente daqueles dias, o Senhor Jesus continua em plena atividade e apto para suprir todas as nossas carências. De forma que a pergunta dEle para cada um de nós é: **Qual é a tua necessidade?** O que é que tem roubado o sono, a disposição, a alegria que outrora habitava o coração e se refletia no semblante do rosto? O que tem desconstruído a imagem que você tinha de si mesmo e feito você deixar de ser quem era no coração de Deus? O que te tem machucado e, em consequência, feito você desistir no meio do caminho, te fazendo acreditar que não será possível completar a jornada? O que tem feito a sua vida espiritual estagnar ou, até mesmo, regredir? O que tem impedido você de enxergar plenamente a graça maravilhosa de Jesus sobre a sua vida?

A somatória de problemas não solucionados – e necessidades não supridas – acaba por desencadear uma série de patologias cuja origem se dá na alma do ser humano, no interior do indivíduo. Dados

divulgados em 02/09/2009 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que, nos próximos 20 anos, a depressão deve se tornar a doença mais comum do mundo, afetando mais pessoas do que qualquer outro problema de saúde, incluindo o câncer e as doenças cardíacas¹. Ainda segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil é campeão mundial em casos de depressão, com cerca de 17 milhões de brasileiros afetados. Só na cidade de São Paulo, 44,8% da população já apresentou pelo menos uma vez na vida algum transtorno mental².

Como nos dias de Jesus, a sociedade pós-moderna é uma sociedade adoecida, necessitada. E pelo fato da igreja evangélica ser parte integrante da sociedade, cabe a ela cumprir o papel que era de Jesus. Mas será que isso tem sido feito? Se que nós, como igreja, temos sido um canal para a solução das dores e necessidades alheias ou, pelo contrário, temos servido como causa para muitas dessas enfermidades? As pessoas que passam pela nossa vida, depois do contato que têm conosco, tornam-se pessoas melhores ou piores do que eram? Somos um celeiro de cura, ou um berço de doenças para nós mesmos e para as pessoas que nos cercam?

A cidade de Betsaida ficava à margem nordeste do lago da Galiléia. Foi o lugar onde Jesus, depois de ensinar os moradores do lugar sobre o Reino de Deus, alimentou mais de cinco mil pessoas (cf. Lucas 9.10-17). Mas logo em seguida, Jesus teve que fugir do lugar, pois, em vez das pessoas crerem nele por causa dos Seus ensinamentos, da Sua Palavra, elas estavam interessadas apenas nos milagres que Ele operava, e desejavam torná-Lo rei tão somente para que tivessem a segurança de uma vida fácil com o suprimento de suas necessidades básicas (cf. João 6.15), nada além disso.

De volta ao texto bíblico, vemos que ao chegar à cidade, Jesus foi recebido pelos moradores daquele lugar que traziam entre eles um homem cego – que provavelmente habitava outra região (cf. v. 26) –, “rogando-lhe que o tocasse” (v. 22). Porém, aqueles moradores não estavam interessados no bem estar daquele homem. Eles tão somente queriam presenciar mais um milagre do “rei dos pães”.

O nome da cidade, Betsaida, do grego Βηθσαϊδών (*Bethsaidán*), significa “Casa da Pesca”³. Mas a despeito de, aparentemente, terem “pescado” um “peixe” necessitado para Jesus, a intenção do coração daquele povoado era bem diferente da pseudo boa ação que demonstrada para com o homem cego. Na realidade, os moradores daquela cidade eram mais cegos do que o próprio homem que eles traziam. Afinal, o maior cego é aquele que enxerga, mas não vê. E eles enxergavam a Jesus, mas não O viam como Senhor e Salvador. Metaforicamente, a cidade não fazia jus ao nome que carregava. Assim como muitas igrejas que, se dizendo “comunidade”, vivem da individualidade de seus membros... Se

¹ Cf. <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,oms-depressao-sera-doenca-mais-comum-do-mundo-em-2030,428526,0.htm>

² Cf. <http://exame.abril.com.br/tecnologia/ciencia/noticias/brasil-e-campeao-mundial-em-depressao-diz-oms>

³ Kaschel, W., Zimmer, R., & Sociedade Bíblica do Brasil. (1999; 2005). Dicionário da Bíblia de Almeida 2ª ed. Sociedade Bíblica do Brasil.

dizendo “chamados para fora” vivem reclusos em sua zona de conforto e passividade... Se dizendo “luz do mundo”, não fazem diferença nas trevas... Se dizendo “sal da terra”, não salgam, nem preservam; antes, têm suas vidas contaminadas pelos sabores e dissoluções do mundo⁴.

Betsaida era uma cidade egoísta, mesquinha e acima de tudo, incrédula. No Evangelho segundo a narrativa de Mateus, nós vemos o Senhor Jesus condenando aquele povoado:

“Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom fossem feitos os prodígios que em vós se fizeram, há muito que se teriam arrependido com pano de saco grosseiro e com cinza. Por isso, eu vos digo que haverá menos rigor para Tiro e Sidom, no Dia do Juízo, do que para vós.” (Mateus 11.21-22)

Diante do circo armando pelos moradores da cidade, na tentativa de provocar Jesus e fazê-lo realizar outra ação espantosa, o Senhor Jesus utiliza a vida daquele homem cego como um símbolo, para ilustrar a realidade de vida daquelas pessoas. Ele toma o homem cego pela mão, leva-o para fora do povoado, cospe-lhe nos olhos, impõe-lhe as mãos e pergunta: “Vês alguma coisa?” (v. 23). A resposta do homem é categórica: “Vejo os homens andando, como se fossem árvores” (v. 24).

Como sabemos, homens não são árvores. E árvores não andam. Sendo assim, o homem via, mas não enxergava. Em outras palavras, ele continuava cego, assim como os moradores da cidade onde estava, que viam Jesus, mas não enxergavam nele a pessoa do Messias. A visão que o homem dizia possuir contrastava com a realidade, bem como a dos cidadãos de Betsaida, que viam Jesus não como Rei dos reis e Senhor dos senhores, mas, simplesmente, como “rei dos pães” e “senhor dos milagres”.

Semelhantemente à narrativa bíblica, ainda que inconscientemente, podemos experimentar a mesma realidade de vida daquele homem e daquela cidade. Aos nossos olhos podemos dizer que possuímos uma família feliz e abençoada, quando na realidade, a tristeza habita o coração do nosso cônjuge e a rebeldia faz parte da vida dos nossos filhos. Aos nossos olhos podemos declarar que fazemos parte de uma igreja saudável, vibrante, quando na realidade ela está enferma e estática.

No Evangelho do Reino, a “teologia do *Band-aid*⁵” – que apenas cobre as feridas em vez de curá-las – não se aplica. Temos o mau hábito de cobrirmos as nossas “infecções” emocionais e espirituais, achando que o tempo se encarregará de tudo. Desconsideramos que toda sujeira precisa ser removida de nossa vida, ainda que no processo de limpeza haja a presença da dor. Afinal, somente os “*limpos de coração verão a Deus*” (cf. Mateus 5.8). Infelizmente, por acharmos que estamos vendo – mesmo estando ainda cegos – muitas vezes deixamos de compreender as coisas que Deus prioriza.

⁴ Isto é, a deterioração de costumes; devassidão, imoralidade, extinção de entidade, sociedade etc.

⁵ *Band-aid* é um curativo adesivo da *Johnson & Johnson* para proteger pequenos ferimentos e que mantém a umidade natural da pele, acelerando a cicatrização. Sua grande variedade se adapta a diferentes machucados e locais do corpo.

Antes de curar parcialmente o homem, Jesus o leva para fora da aldeia, como ensinando que, do lado de fora, se percebe melhor as coisas que ocorrem dentro. Isso porque, os que estão dentro, acabam se tornando – querendo ou não – no fruto do meio onde vivem. Acabam no decorrer do tempo, se tornando “domesticados na fé” – diferente de “domésticos da fé” (cf. Gálatas 6.10).

Betsaida era uma cidade incrédula, de forma que não adiantava eles mudarem a sua geografia – trazendo um homem de outra região – sem mudar o coração. Da mesma forma, em igrejas incrédulas – que não praticam o que dizem crer – não adianta nada mudar a figura pública (pastor) da comunidade sem mudar, contudo, o coração da mesma.

Jesus não deixará de realizar a Sua soberana vontade por causa da nossa apatia ou deformidade espiritual. Com tristeza eu afirmo que, se não mudarmos o nosso coração e passarmos a enxergar as coisas como elas realmente são, nós, como igreja, poderemos até levar as pessoas a Jesus (assim como fez os moradores da cidade de Betsaida), mas a despeito disso, veremos Jesus curando e libertando as pessoas do lado fora da nossa comunidade.

De volta ao texto bíblico, vemos que o homem – outrora cego – obteve uma experiência pessoal com Jesus e, em consequência disso, a sua vida foi transformada. Isso se deu no momento em que ele recebeu um segundo toque por parte de Jesus (v. 25).

Assim como aquele homem, nós também precisamos de um novo toque, um toque que nos faça realmente enxergar aquilo que Deus está querendo nos mostrar e não consegue. Precisamos, a exemplo do homem que estava cego, estender nossas mãos a Jesus e deixá-Lo nos guiar para toda a verdade.

A sua experiência com Deus, determina quais serão as suas ações e reações diante dos problemas e adversidades da vida. A qualidade da nossa relação com Cristo revela como será o nosso comportamento no tempo da dor.

A narrativa bíblica termina com uma ordem expressa de Jesus direcionada ao homem recentemente curado: “*Não entres no povoado.*” (v. 26). O Senhor Jesus não queria que o homem – agora são – fosse contaminado pela “cegueira” existencial presente nos moradores de Betsaida. Muito daquilo que Deus semeia em nossas vidas pode deixar de dar o seu fruto no tempo certo, se estivermos plantados em um tipo de solo inadequado.

Deus nos chama para impactar o mundo, exterminar as trevas, preservar a sã doutrina e dar um novo sabor à vida das pessoas. Deus nos chama para ser uma ponte que conduza a humanidade perdida ao encontro de Jesus e de Sua graça transformadora. Mas, para que isso aconteça, **precisamos de um segundo toque da parte de Jesus sobre nós...** Um toque simples e objetivo. Um toque que nos tire a iniquidade e purifique o nosso pecado (cf. Isaías 6.7). Um toque que nos faça estar na presença de Deus e dizer: “*Eis-me aqui, envia-me a mim*” (cf. Isaías 6.8).

Soli Deo Gloria.